



Vol. XVI, nº 18, Edição
trimestral, Outubro,
Novembro, Dezembro
2021.
ISSN 14133474

Boletim do
Arquivo Histórico
de Joinville



Sumário

Editorial

Giane Maria de Souza e Celiane Neitsch

5

Arquivo Histórico de Joinville - Algumas Histórias

Histórias que nos contam as listas de imigrantes

Maria Thereza E. Böbel

8

9

AHJ nas Redes

**Live APESC - “A atuação de profissionais de história nos
espaços arquivísticos de Santa Catarina”- Agradecimentos
da OAB para o AHJ**

Giane Maria de Souza

12

13

Pesquisadores e o AHJ

**“Dimenticare e ricordare” [esquecer e lembrar em italiano]:
a história de vida de uma “alienada”**

Gabriel Dalmolin

15

16



| | |
|---|-----------|
| Minha experiência no Arquivo Histórico de Joinville Luiz Carlos Lopes | 21 |
| Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ | 23 |
| Estrada da Ilha: Um conjunto fotográfico Rodrigo Boçõen | 24 |
| Encontro regional sul de história oral e o AHJ Arselle de Andrade da Fontoura | 28 |
| História Institucional | 30 |
| Amauri de Oliveira Prado Giane Maria de Souza | 31 |
| Educação Patrimonial e Difusão Cultural | 33 |
| Arquivo Histórico vai à escola Giane Maria de Souza | 34 |
| Professores e o Arquivo | 36 |
| Uma parceria profícua: escola e Arquivo Histórico Ângela Maria Vieira | 37 |



Artefato Cultural

Quadro de Eugênio Colin
Walter de Queiroz Guerreiro

40

41

Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ

**A Cidade da ordem: tensões sociais e controle
(Joinville 1917/1943)**
Iara Andrade da Costa

43

44

Memória do Boletim

A cidade de Joinville e o nome das ruas
Giane Maria de Souza

46

47

O Arquivo e a Cidade

Dona Lacy veste a camisa do AHJ
Giane Maria de Souza

51

52

Por Dentro do Acervo

Prédio da Ford, antiga Prefeitura de Joinville
Giane Maria de Souza

54

55

Expediente

56

Editorial



Editorial

Por Giane Maria de Souza, Celiane Neitsch

Caros leitores, o 18º Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Joinville, encerra as publicações trimestrais como o registro de um longo período de pandemia, momento em que muitas atividades e instituições de memória tiveram de se readaptar. Atualmente, a Secretaria de Cultura e Turismo de Joinville/SC, por meio da Gerência de Patrimônio e Museus, vem promovendo a abertura gradual das suas unidades, desde o primeiro semestre deste ano. O AHJ retornou o atendimento ao público consulente, com agendamento prévio e abertura da Exposição “Arquitetura Revisitada”, celebrando também a 5ª Semana Nacional de Arquivos, no mês de junho.

Nesta edição, destacamos algumas seções e seus respectivos textos, a exemplo da seção **Arquivo Histórico de Joinville - algumas memórias**, um texto de Maria Thereza Boebel (*in memoriam*), ex-funcionária, no qual aborda a importância e os desafios da tradução da Língua Alemã para a Língua Portuguesa, das listas de imigrantes, um trabalho que, infelizmente, se encontra estagnado pela ausência de profissionais em tempo integral para atender essa demanda.

Na seção **Pesquisadores e o AHJ**, uma história de encontro com as memórias de família foi proporcionada pelo acervo do AHJ, quando o pesquisador e historiador Gabriel Dalmolin descobriu nos arquivos do Asilo/Hospício Municipal de Alienados Oscar Schneider, o nome e a fotografia da sua trisavó Palmira Dalmolin, internada naquela instituição. Uma história emocionante que vai comover nossos leitores.

Em **Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ**, o historiador Rodrigo Boçoen apresenta excertos do acervo iconográfico da Estrada da Ilha, e como a história pode ser lida por meio da fotografia. A seção **Memória do Boletim** traz um compêndio histórico sobre as mudanças nas nomenclaturas da cidade de Joinville, demonstra que podemos conhecer e debater a história por meio da escolha dos nomes das ruas, das escolas e das instituições públicas em diferentes épocas.

A seção **Professores e o Arquivo** apresenta a relação profícua do AHJ com os professores em defesa da educação, enquanto força transformadora da sociedade, pelas e para as pessoas, no relato da professora Angela Maria Vieira, a nossa professora nota 10, do Colégio Estadual Dr. Jorge Lacerda, que desenvolve um trabalho maravilhoso sobre a história dos grupos imigratórios, sobretudo os haitianos e suas trajetórias de vida.

Como diria Paulo Freire, é preciso intervir na sociedade para fazer a mudança que queremos que ocorra em nossa sociedade. Pequenas ações fazem muita diferença. A equipe do AHJ organizou um ponto de coleta para a campanha de arrecadação de alimentos, organizada pelo Arte na Cuca, para famílias em situação de vulnerabilidade social. O projeto “AHJ Solidário” pretende fazer a sua parte diante da fome e do desemprego, que se tornaram uma ferida aberta na nossa sociedade. Para tentar minimizar essas demandas, pequenas ações fazem a diferença na vida de quem tem fome.

Editorial

Giane Maria de Souza, Celiane Neitsch

Chegamos ao fim das edições de 2021, certos de que retomar as publicações deste informativo também é uma forma de contribuir com a difusão da cultura, da história e das artes deste país, além de renovar as esperanças para a busca de dias melhores. Que venham novas conquistas na área do conhecimento, ciência, saúde, cultura e educação, e que 2022 seja um ano de reparação à desigualdade social e econômica que, infelizmente, assola o nosso Brasil.

Nesta edição o **Artefato Cultural** será o quadro exposto no auditório do AHJ, uma pintura à óleo de Eugênio Colin, releitura que será explicada por um texto de Walter de Queiróz Guerreiro.

Giane Maria de Souza, Celiane Neitsch
Joinville, outubro de 2021.



Arquivo Histórico de Joinville Algumas Histórias



Histórias que nos contam as listas de imigrantes

© Engelbrecht A. Wunderwald

Maria Thereza Böbel

Arquivo Histórico de Joinville, abril a dezembro de 1988.

O trabalho que desenvolvemos no Arquivo Histórico de Joinville, traduzindo as listas de imigrantes, tem dois objetivos: resgatar as informações sobre cada imigrante e atender as pessoas que nos procuram a fim de saber dados sobre seus antepassados. Em geral, tais pesquisas visam a elaboração de genealogias, ou conseguir a cidadania alemã, benefício que a República Federal da Alemanha estende aos descendentes de seus emigrantes até a 3ª geração. A procura neste sentido tem sido grande.

Constam de nosso acervo as listas de todos os navios de emigrantes que aportaram em São Francisco do Sul, pequena cidade portuária vizinha a Joinville, no período de 1851 a 1902. De cada navio há duas listas: aquela feita em Hamburgo pelo agente de emigração, e a da Colônia Dona Francisca, isto é, o registro de entrada do imigrante feito pelo Diretor da Colônia. Nosso trabalho consiste em comparar os dados contidos em ambas (já que nem todos constam nas duas listas) e traduzi-los, fazendo uma ficha de cada imigrante. Estes dados serão complementados com registros de batizado, matrimônio e sepultamento das igrejas evangélica e católica, e em seguida armazenados no microcomputador. As listas são manuscritas em alemão, sendo o sobrenome em letra latina, e o prenome, religião, procedência, profissão e outras informações, em letra gótica. Traduzimos até agora 25 anos de imigração, isto é, até 1876. Queremos destacar aqui alguns dados que nos chamaram a atenção:

Quanto às profissões: os imigrantes eram, via de regra, lavradores, mas havia as profissões urbanas como alfaiates, tecelões, oleiros, marceneiros, além de

médicos, oficiais, advogados, professores. Às vezes fugitivos políticos emigravam como agricultores, e só na colônia revelavam suas verdadeiras profissões. É interessante notar que só a partir de 1865 ou 70 aparecem os primeiros técnicos-mecânicos, maquinistas, operários. Entre as curiosidades podemos destacar um serrador de tábuas, um padeiro de hóstias (*oblatenbäcker*) e um pianista, que veio de Berlim, com família, em 1873. Registramos ainda um comerciante de 16 anos. As mulheres tinham seu estado civil registrado na coluna "Profissão"; muito raras eram as que realmente tinham uma, e nestes casos eram sempre parteiras, professoras ou criadas. Só no final do século apareceriam as primeiras operárias.

Ainda em relação às mulheres: mães solteiras não eram admitidas a bordo. Mesmo assim, já no primeiro navio, o "Colon", que chegou em março de 1851, havia uma mãe solteira que trazia às escondidas, sua filha ainda de colo, portanto, passageira clandestina. O pai da criança também estava a bordo, e segundo se conta, teria prometido ao capitão casar-se com a moça assim que chegassem à Colônia. Provavelmente não cumpriu a promessa, pois no registro consta, ao lado do seu nome, a observação 'Mandado embora em março de 51, foi para Curitiba'. Dizem que a moça foi atrás dele. O fato é que no registro de matrimônios da igreja evangélica consta o casamento dos dois em 1852, e já em 1853 o batizado de duas filhas do casal.

No que se refere às idades, os imigrantes tinham na maioria até 45 anos, idade limite para receber a passagem subvencionada. Mesmo assim, muitas famílias traziam seus avós. Em 1874 chegou a bordo do 'Shakespeare' uma emigrante de 83 anos, solteira, em companhia da filha, genro e netos, suportando uma penosa

Histórias que nos contam as listas de imigrantes

Maria Thereza Böbel.

viagem de quase dois meses. No navio 'Terpsichore', chegado em 1873, com 569 passageiros (diga-se de passagem, foi o que trouxe o maior número de imigrantes, em geral esses navios traziam de 100 a 250 pessoas) o que nos chamou a atenção foi a grande diferença de idades entre os casais: Em 31, entre 100 famílias, as mulheres eram mais velhas que seus maridos, variando esta diferença de 1 a 16 anos.

Obs: Texto reproduzido *ipsis litteris*.

Fonte: BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO. Joinville: AHJ. v. 5, 6, n.3-5,abr.-dez. 1988.

AHJ nas Redes





Leticia Borges Nedel
Profª do Departamento de História UFSC



Luciano Von Frühauf
Arquivo Público do Estado de SC



Giane Maria de Souza
Arquivo Histórico de Joinville



Juçara Nair Wollf
Arquivo Público do Estado de SC

Mediação



Sheila Campos Silva
Arquivo Público do Estado de SC



Silvia R. T. Kita
Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul



Fernanda Crotti Biava
Fundação Cultural de Criciúma

Live APESC - “A atuação de profissionais de história nos espaços arquivísticos de Santa Catarina”- Agradecimentos da OAB para o AHJ

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC.

Para celebrar o Dia Nacional do Historiador, dia 19 de agosto, o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina APESC apresentou a *live* “A Atuação de Profissionais de História nos Espaços Arquivísticos de Santa Catarina”.

Na ocasião os historiadores do APESC, Juçara Nair Wolff e Luciano Von Frühauf, convidaram a professora e historiadora Letícia Borges Nedel, do Departamento de História da UFSC, e as historiadoras Fernanda Crotti Biava (Fundação Cultural de Criciúma), Giane Maria de Souza (Arquivo Histórico de Joinville) e Silvia Kita (Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul), que refletiram sobre a importância e as atividades desses profissionais nos arquivos públicos catarinenses. A *live* foi mediada pela administradora do APESC, Sheila Campos Silva e foi transmitida no canal do ‘YouTube’ da Fundação Escola de Governo - ENA Brasil.

Acesse a live pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=U6JMhFmOF2k>

O Arquivo Histórico de Joinville atendeu e auxiliou a Ordem dos Advogados do Brasil, subseção Joinville, nas pesquisas sobre a história da instituição.

Na figura ao lado podemos acompanhar os agradecimentos dirigidos à equipe do AHJ.

Agradecimentos da OAB para o AHJ





Pesquisadores e o AHJ



“Dimenticare e ricordare” [esquecer e lembrar em italiano]: a história de vida de uma “alienada”

Gabriel Dalmolin

Historiador, graduado em História pela FURB.

Ao longo dos meus seis anos como pesquisador, não tenho dúvidas que a parte mais emocionante desse processo se dá no contato com os documentos, isto é, com as fontes históricas. Não à toa, durante a faculdade, costumavam me chamar de “rato de arquivo”, já que entrava no mais puro êxtase ao ler e confrontar diferentes documentações, especialmente quando ligados ao tema que tenho maior identificação: a imigração de língua italiana no Vale do Itajaí.

Em meio às pesquisas científicas comecei a realizar um trabalho genealógico acerca da minha família, para solucionar dúvidas existenciais que pairavam sobre mim a respeito de meus antepassados. Sem embargo, o cientificismo da universidade não foi ignorado, partindo do pressuposto do “paradigma indiciário”, defendido por Carlo Ginzburg, que define o historiador como um “detetive”, um Sherlock Holmes, que busca pistas (fontes históricas), para solucionar um caso (problema/questionamento).

Tudo começou ainda em 2017, quando recebi do meu ‘nonno’ (avô), dois cilindros de metal repletos de documentações antigas da família, com documentos fundiários, certidões de casamento, óbito e inventários. Em um desses cilindros havia uma certidão inventarial que mencionava minha trisavó, Palmira Dalmolin.

Eu já sabia que ela era mãe solteira, mas fiquei surpreso quando vi que naquele documento, constava que ela havia falecido no Hospício Oscar Schneider, em Joinville.

Passou-se um tempo e eu retornei à pesquisa genealógica da família, utilizando dos métodos que havia aprendido na academia e de diferentes ferramentas de busca. Foi então que descobri um livro acerca do Hospício de Joinville, escrito pela psicóloga e pesquisadora Mariana Zobot Pasqualotto (UFSC), e entrei em contato com ela. Após alguns dias, recebi sua resposta com a indicação de um documento muito interessante chamado “Livro de Alienados” do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), que poderia ter alguma informação sobre minha antepassada.

Foi assim, buscando informações aqui, ali e acolá que cheguei ao AHJ. É esse tipo de trajetória curiosa em torno das fontes históricas que mostram o quão importante são as redes de contatos e quanta informação as ferramentas de busca na internet podem prover hoje ao pesquisador, seja profissional ou amador.

Por conta das restrições de isolamento social causadas pela pandemia, não pude ir presencialmente ao Arquivo e optei por entrar em contato via ‘e-mail’. Na ocasião, fui prontamente atendido pela assistente cultural Fernanda Pirog Oçoski, que se sensibilizou pela história de minha trisavó e procurou afoitamente pela documentação. Recebi seu retorno numa sexta-feira, 30 de abril, e, para minha surpresa, a funcionária enviou-me não apenas a ficha de entrada de minha antepassada, mas também uma fotografia. Nunca havia visto o rosto dela e, apesar de ter tido contato com vários documentos ao longo da minha trajetória, e vários deles terem me proporcionado emoção, nada se comparou a este dia, em que as lágrimas correram dos meus olhos.

Gabriel Dalmolin

Historiador, graduado em História pela FURB.

A história de minha trisavó Palmira é semelhante a de tantas outras pessoas esquecidas, ignoradas, silenciadas e jogadas à margem da sociedade por serem, em certa medida, “diferentes”. Curiosamente, as histórias dessas pessoas eram apagadas em detrimento da vergonha que elas causavam por sua condição. Muitas vezes eram taxadas de “loucas”, por apresentarem diferentes sintomas psicológicos considerados “anormais”. Frequentemente, a alternativa encontrada na época era enviar a pessoa que apresentasse distúrbios comportamentais para hospícios como o Oscar Schneider, onde eram chamadas de “alienadas”.

O Hospício de Alienados Oscar Schneider, funcionou entre 1926 a 1941 e foi palco destas histórias. Algumas pessoas eram enviadas para serem curadas e até retornavam para casa mais tarde. No entanto, tantas outras faleceram sob os cuidados dos funcionários do Hospício, e seus registros são vagos ao apontarem as causas da morte: esquizofrenia, catatonia, histeria paranóide e “idiotia”. Outros tantos, como minha própria trisavó, que lá pereceu por nefrite (falência renal), enquanto alguns morriam por tuberculose e disenteria, reflexo da situação precária em que viviam, sujeitos à umidade, baixa nutrição e medicação inapropriada para regular os mais exaltados.

Analisando as fichas de entrada do Hospício, ao longo de seus 15 anos de funcionamento, contabilizou-se 773 internos, oriundos de várias partes do Estado, sendo 44 estrangeiros e 23 naturais de outros Estados. Da região do médio e alto Vale do Itajaí, contabilizaram-se 85 pessoas, sendo 53 homens e 32 mulheres moradoras das atuais cidades de Blumenau, Gaspar, Pomerode, Timbó, Indaial,

Apiúna, Ascurra, Rodeio, Benedito Novo, Rio dos Cedros, Doutor Pedrinho, Ibirama, Lontras e Rio do Sul.

Nesse sentido, vale ressaltar o trabalho dos profissionais do Arquivo Histórico de Joinville, em conservar e preservar a documentação e a história que não é apenas de Joinville, mas de todo o povo catarinense. Enquanto que aos pesquisadores, resta o trabalho social de revitalizar as memórias acerca desses sujeitos esquecidos e ignorados muitas vezes em suas próprias famílias para que suas vivências, desesperos e sofrimentos não tenham sido em vão.



Imagem 1

Palmira Dalmolin

Fonte: Acervo AHJ

Hospício de Alienados «Oscar Schneiders»



Nome: *Palmira Dalmolin* Sexo *feminina*
 Nacionalidade de *Rodicio* Nacionalidade *Brasileira*
 Lugar do nascimento: *Rodicio* Data *1895. (42 anos)*
 Filiação: nome do pai: *Dominico Dalmolin*
 nome da mãe: *Lybisata Dalmolin*
 religião: *catolica!* cor: *branca* profissão: *Lavradora*
 estado civil: *solteira* estatura: *1m 72cm* cabelos: *compridos*
 boca: *grande* olhos: *pesta* barba: *—* olhos: *castanhos*
 sinais particulares:

Residência dos pais ou parentes mais próximos: *em Rodicio*
 última residência: *Rodicio*
 Autoridade que determina a internação:

nome: *Delegado de Policia de Rodicio*
 Internado por conta própria ou do Estado: *por conta do Estado*
 Médico assistente: *Dr. Josino Rocha Loures em Joinville*

Data da entrada: *em 27 de Fevereiro 1937*

Data da saída:

Lugar de destino: *falleceu*

Data do óbito: *em 30 de Maio 1937* Causa da morte: *infarte*

Local do óbito: *em Joinville* Cartão N.º: *3.327*

OBSERVAÇÕES:

Imagem 2

Descrição: prontuário de Palmira Dalmolin, 1939.

Fonte: Acervo AHJ



Minha experiência no Arquivo Histórico de Joinville

Luiz Carlos Lopes

Graduado em Administração, pós-graduado em Marketing e Comunicação pela UNIVILLE.

Em maio deste ano procurei pelo Arquivo Histórico de Joinville – AHJ, com a intenção de fazer uma pesquisa sobre a história da bicicleta em Joinville, entusiasta que sou de seu uso em todos os aspectos. De início fiz uma pesquisa no catálogo de fotografias sobre o tema e na sequência comecei a pesquisar nos jornais da cidade, O Comércio e Jornal de Joinville, iniciando pelo ano de 1921. Com a pesquisa em andamento fui tomado pela curiosidade à medida que folheava as páginas amareladas pelo tempo. Minha atenção se ampliou para os aspectos da vida cotidiana dos joinvilenses, através das matérias dos jornais, anúncios publicados e classificados. Em conversa com amigos relatei a minha experiência e fui incentivado a ampliar minha pesquisa tendo essa visão mais ampla. Convencido da ideia foi o que fiz. A história de Joinville tem como principais cronistas Elly Herkenhoff, Carlos Ficker e Dilney Cunha, que contam a gênese de nossa cidade. Infelizmente seus livros tornaram-se artigos raros. Nas mídias sociais encontramos páginas relacionadas a Joinville, porém, com conteúdo voltado para lembranças pessoais, que embora importantes, não conseguem dar uma visão mais histórica da nossa existência. Minha intenção é colocar as pessoas numa máquina do tempo para que elas conheçam a sociedade joinvilense no seu dia a dia ao longo das décadas. Como se vestiam, como se locomoviam, onde faziam compras, como se divertiam. Amparado pelo fantástico acervo do AHJ e o auxílio fundamental de seus solícitos colaboradores tenho certeza que meu intento se concretizará.

Endereço das páginas nas redes sociais:

<https://www.facebook.com/revelandojoinville>

<https://www.instagram.com/revelandojoinville/>



Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ



Estrada da Ilha: um conjunto fotográfico

Rodrigo Boçõen

Historiador, mestre em Educação pela PUC/PR.

Entre os documentos mais acessados do Arquivo Histórico de Joinville, a Coleção Memória Iconográfica se destaca por abranger diversos temas, suportes e origens. Preservando desde grandes eventos até situações cotidianas, os documentos imagéticos despertam a curiosidade sobre a Joinville que outrora existiu e são importantes fontes para pesquisa.

Um dos conjuntos que fazem parte da Coleção Memória Iconográfica e que destacamos neste texto é o Dossiê Estrada da Ilha, um conjunto de 176 fotografias, as mais antigas datando ainda do século XIX, que se formou a partir de uma doação da Comunidade Evangélica da Estrada da Ilha ao Arquivo Histórico de Joinville em 1989.

Conforme relatado por Nelson Holz, em 24 de fevereiro de 1859 foi projetado um caminho que partia do distrito de Pedreira (hoje conhecido como Pirabeiraba) em direção à cidade da Ilha de São Francisco do Sul. Conforme o autor “[...] do marco inicial era possível ver os Morros do Saí e atrás desta montanha localizava-se a Baía da Babitonga e a cidade da Ilha, como era conhecida na época pelos imigrantes” (HOLZ, 2011, p. 20).

As fotografias têm como uma de suas características representar um fragmento da realidade, que sobrevive apesar da passagem do tempo e, assim, nos permite a reconstrução do passado pela análise do conteúdo fotografado e de seu contexto de produção: “Enquadra um fato específico ocorrido em determinado momento, trazendo de volta a imagem de faces, lugares, coisas, memórias, fatos históricos e sociais, relacionados aos momentos em que ocorreram” (BITTENCOURT,

1994, p. 228 apud FERREIRA, 2004, p. 4-5)

E quais são os fatos trazidos de volta pelo Dossiê Estrada da Ilha?

Eventos sociais são momentos dos quais muitos registros foram preservados, principalmente de casamentos. Para além dos noivos e convidados, é interessante notar, por exemplo, a transformação do vestuário conforme as diferentes décadas (o que ajuda a estimar as datas de produção das imagens). Há vários registros de famílias, posando muitas vezes em frente às suas casas, fotografias da própria Comunidade Evangélica Luterana da Estrada da Ilha, registrando seus pastores e seus fiéis, além de outras cenas mais prosaicas, como um homem que posa com sua bicicleta.

Para além do cotidiano de uma pequena comunidade de imigrantes em Joinville, o conjunto de fotografias do Dossiê Estrada da Ilha, nos permite entrar em contato com as mudanças de costumes, sociabilidade, técnicas fotográficas, entre outros, e se constituem numa importante fonte para a história de Joinville.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Aline de Aléssio. Organização e tratamento técnico do acervo fotográfico do Centro de Referência para Pesquisa Histórica em Educação. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 1, 2004.
- HOLZ, Nelson. **Percorrendo o Caminho da Ilha: A comunidade conta sua história**. Blumenau: Todaletra, 2011.



Imagem 1

Família Mühlmann. Joinville (SC). [189-?]. 1: pb.; 12 X 17 cm. Foto. Inventário: 1223.

Inventário: 1248.

Fonte: Acervo iconográfico do AHJ.



Imagem 2

Bodas de Prata de Heitor e Maria dos Passos. Joinville (SC). [192- - 194-?]. 1: pb.; 17,5 X 23,5 cm. Foto.

Inventário: 1248.

Fonte: Acervo iconográfico do AHJ.

3, 2, 1... História Oral



Quais equipamentos precisam para realizar uma entrevista de História Oral?

História Oral na Educação Básica



Por que utilizar a História Oral na escola?

A metodologia da História Oral representa um trabalho pedagógico por meio de projetos, sendo muito útil tanto à prática da Educação Básica, A História Oral é um instrumento pedagógico diferenciado nos currículos escolares, possibilitando o acesso a fontes orais, possibilitando o conhecimento e a compreensão de processos

Como praticar a metodologia da História Oral em sala de aula?

Objetivo:

Compreender a metodologia da História Oral, possibilitando a aplicação da metodologia em sala de aula.



Introdução à História Oral



Como devo preparar a realização de uma entrevista de História Oral?

- Buscar informações disponíveis sobre como desenvolver a metodologia da História Oral.
- Definir bem o que será produzido pedagogicamente.
- Conversar previamente com pessoas que tenham interesse de que você a metodologia da História Oral.
- Preparar e Documentar o Formulário de Entrevista, Ficha de Anamnese, Termo de Consentimento e de Uso de Imagem e de Uso de Gravação, Termo de Doação de Testemunho.
- Preparar um roteiro para a realização da entrevista.
- Selecionar as entrevistadas que farão parte de seu projeto educacional.
- Fazer contato com as pessoas selecionadas e explicar as etapas.
- Ensaiar e praticar previamente as técnicas técnicas sobre o que você se utilizará (gravador, câmera, celular etc.).
- Não esquecer de levar o roteiro de entrevista e dar ciência sobre o que será perguntado ao entrevistado antes da gravação.



O que devo ler em mente durante uma entrevista oral?

- Seja claro a sua entrevistada.
- Não interromper uma resposta de contagem com o entrevistado.
- Faça suas perguntas de forma clara e objetiva.
- Seja paciente, faça perguntas ao entrevistado sem se precipitar.
- Caso se esqueça qual termo técnico, procure investigar com o entrevistado de maneira clara e educada.
- Se ouvir uma narração histórica interessante e relevante a entrevista, faça uma pergunta para que ele explique e reflita a sua pergunta.
- Se uma resposta do entrevistado for curta, retomada e reflita a sua pergunta.



O que devo fazer depois de realizar uma entrevista de História Oral?

- Crie e mantenha um inventário de documentos produzidos no decorrer da entrevista, Ficha de Anamnese, Termo de Consentimento e de Uso de Imagem e de Uso de Gravação, Termo de Doação de Testemunho.
- Faça um resumo do que foi falado na entrevista.
- Depois de uma hora de gravação, leve para transcrever o que foi dito durante a entrevista.
- Faça a transcrição do texto da entrevista.
- Faça para ajudar a transcrição da entrevista de narração (sem comentários).
- Crie a entrevista para um arquivo que permita a consulta pública da entrevista.

Onde posso encontrar modelos e referências de História Oral?

Você pode encontrar referências e modelos de História Oral (Termo de Consentimento, Ficha de Anamnese, Termo de Doação de Testemunho, Termo de Consentimento e de Uso de Imagem e de Uso de Gravação) no site do Laboratório de História Oral (LHO) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Encontro regional sul de história oral e o AHJ

Arselle de Andrade da Fontoura

Historiadora, mestre em História pela UFSC, professora da UNIVILLE.

O Arquivo Histórico de Joinville - AHJ, participou da organização e da programação do “XI Encontro Regional Sul de História Oral (ERSHO) - História Oral, sociedade e meio ambiente”, que ocorreu, em Joinville, nos dias 25, 26 e 27 de agosto de 2021, promovido pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

Ao longo do evento a coordenação e as técnicas do AHJ participaram de diferentes atividades. A educadora Giane Maria de Souza realizou, no dia 26 a oficina “A História Oral e o Mundo do Trabalho e dos Trabalhadores”, que buscou abordar as diferentes possibilidades de usos da História Oral, a partir de uma experiência de formação sindical, realizada anteriormente pela autora, junto ao Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Joinville, filiado a Central Única dos Trabalhadores. A funcionária Arselle A. Fontoura, coordenou em conjunto com o prof. Fernando Cesar Sossai e a prof^a. Ilanil Coelho, o simpósio temático “O Status da História Oral no Tempo Presente” que deu continuidade e ampliou os debates iniciados durante o X Encontro Regional Sul de História Oral (UFPR, 2019) e no XV Encontro Nacional de História Oral (UFPA, 2020).

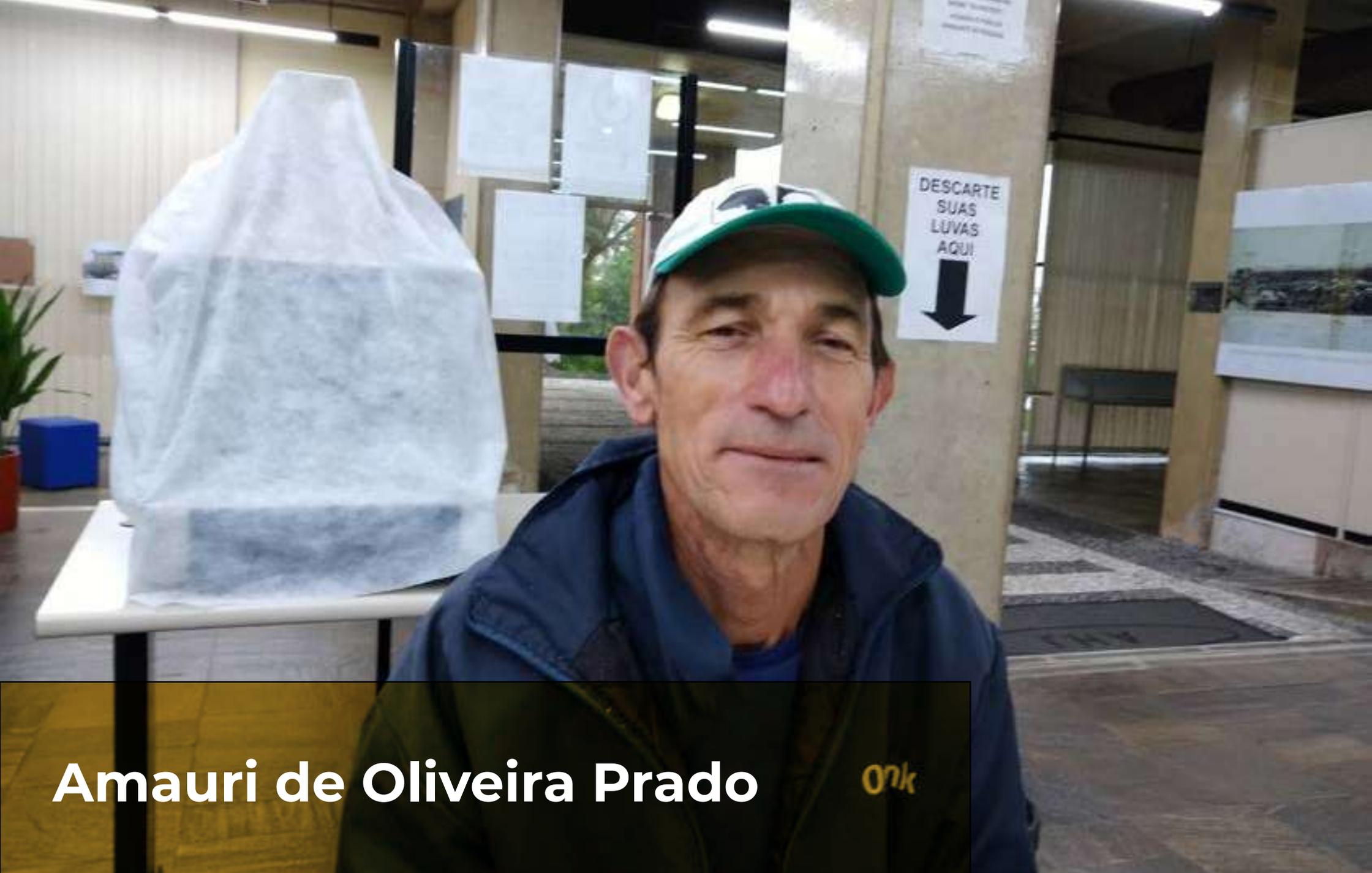
No dia 27 de outubro, foi realizado, sob a coordenação do Laboratório de História Oral da Univille - LHO e do Programa de História Oral do AHJ, o “Fórum de Coletivos de História Oral” que reuniu profissionais que atuam em diferentes espaços de memória e instituições de ensino, pesquisa e extensão. Durante o Fórum, foi possível trocar experiências e aprofundar o diálogo sobre as diferentes ações desenvolvidas, a partir do aporte da metodologia de História Oral, pelos coletivos

presentes.

Durante o ERSHO ocorreu também o lançamento do material didático “História Oral na Educação Básica: material didático para uso na Educação Básica e formação de professores” desenvolvido por professores/as e acadêmicos/as vinculados ao LHO/UNIVILLE que contou com a parceria do AHJ.

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a dirt path leads through a fenced area towards two log cabins. One cabin on the left has a porch, and another on the right has a chimney. A small wooden bridge crosses a stream in the middle ground. A person is seen in a small boat on the water. The background is filled with dense green trees and rolling hills under a hazy sky. The overall color palette is dominated by greens and earthy tones.

História Institucional



Amauri de Oliveira Prado

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC.

O jardineiro Amauri de Oliveira Prado, trabalha no Arquivo Histórico de Joinville e no Museu Arqueológico de Sambaqui há mais de 5 anos por meio da empresa terceirizada Orbenk. Nasceu no dia 13 de agosto de 1969, em Joinville, em sua casa, localizada no Barreiro, Cubatão Grande, atual região do Cubatão, Estrada da Ilha e Jardim Paraíso. Região que durante muito tempo “pertenceu a São Francisco”, adverte, e na qual ainda hoje reside.

Sua avó era parteira e fez o seu parto em casa, assim como o de todos os seus irmãos, quatros homens e duas mulheres. De uma família de agricultores, trabalhou a “vida toda na roça”, a exemplo dos seus avós, seus irmãos e pais, e ainda hoje cultiva uma horta e quintal, cria galinhas caipiras, das quais aumenta o orçamento familiar vendendo ovos da sua criação.

Estudou até a quarta série, quando “abandonou” os estudos para se dedicar ao trabalho e ajudar no sustento da família. “Gostava de estudar, a gente não era vadio, mas tinha que trabalhar para ajudar em casa”, comenta. O “seu Amauri”, como é denominado pelos colegas do AHJ, traz consigo um pouco da história institucional do AHJ. Suas mãos trabalham nos jardins do AHJ, diariamente. A sua história de vida se confunde com a história de muitos trabalhadores de Joinville. Com a Prefeitura de Joinville (PMJ) possui uma relação afetiva de longa data, pois seu pai, Pedro de Oliveira Prado, trabalhou na PMJ durante 16 anos como um construtor de pontes de madeira. Lembra seu Amauri que durante muito tempo passava de bateira no Rio Cubatão, quando ia pescar com seus irmãos e avistavam o pai no trabalho. Ele era um marceneiro, carpinteiro, nas palavras de Amauri: “Naquela época, ganhavam

bem, eles chegavam a acampar no local de trabalho para cuidar dos equipamentos. [...] Meu pai era muito do Luiz Henrique, era fanático pelo Luiz Henrique. [...] Meu pai parou de trabalhar quando teve um AVC”. Seu Amauri gosta muito de trabalhar no AHJ e se sente feliz com seus amigos de trabalho. A história do AHJ também é composta pelas histórias dos seus trabalhadores, suas trajetórias e suas memórias.



Educação Patrimonial e Difusão Cultural



Arquivo Histórico vai à escola

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC.

Educação patrimonial é uma das ações de difusão cultural fundamentais para a existência orgânica de um arquivo histórico. O AHJ possui uma série de duplicatas de documentos que podem ser trabalhados em sua escola. O professor pode entrar em contato com o Setor Educativo do AHJ e articular uma temática com a tipologia documental disponível em duplicatas, com o currículo e o assunto a ser trabalhado em sala de aula, basta enviar um e-mail para **arquivohistorico@joinville.sc.gov.br** e agendar o atendimento que pode ser presencial (na escola) ou virtual.

Infelizmente, por conta da pandemia e o espaço físico reduzido, não estamos mais atendendo turmas escolares do ensino fundamental e médio. Para o ano de 2022 está previsto o início da construção de um anexo para a sede do AHJ com auditório e espaço adequado para o educativo e ações de difusão.

No acervo do Setor Educativo, temos um conjunto documental de duplicatas como jornais, fotografias, revistas, materiais de exposição, cópias de mapas, entre outros documentos que podem problematizar a história da cidade. Ainda o educativo do AHJ oferece orientação para alguns projetos de educação patrimonial, inventários participativos que podem ser desenvolvidos pelo professor em sua comunidade escolar.

Agende-se e programe seu encontro virtual ou uma visita da nossa equipe em sua escola.

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a river flows through a lush, green landscape. A small wooden bridge crosses the river. On the left bank, a person is in a small boat. In the middle ground, several people are gathered in a dirt clearing. Two large wooden houses with thatched roofs are prominent. The background is filled with dense tropical forest and distant mountains under a hazy sky. The overall color palette is dominated by greens and earthy tones.

Professores e o Arquivo



Uma parceria profícua: escola e Arquivo Histórico

Angela Maria Vieira

Professora, especialização em História do Brasil e História Cultural

O primeiro contato que tive com o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), foi na década de oitenta. Na época era graduanda no curso de História. A professora Raquel S Thiago que lecionava História de Santa Catarina, nos levou ao Arquivo, para que tivéssemos contato com os documentos e fontes históricas, matéria prima do trabalho de historiador. Ela nos dividiu em equipe, e cada grupo ficou responsável pela leitura e análise de um documento. Guardo na memória o texto do século XIX, que ficou sob nossa responsabilidade “Às Margens do Rio Mathias”. Confesso que senti um frisson ao entrar em contato “físico” com um passado tão distante e ao mesmo tempo tão presente, pois até hoje o rio Mathias rende muitas discussões.

Ao longo da minha caminhada como docente, desenvolvi vários projetos que contaram com a parceria dos espaços “oficiais” de memória da cidade, como o Arquivo Histórico. Em 2014 levei os estudantes do 6º ano da Escola Municipal Maria Regina Leal ao Arquivo, para que pesquisassem sobre os sambaquis de Joinville. Um dos textos que garimpamos nas horas em que permanecemos no AHJ e que utilizo nas aulas de História até hoje é: “Subsídios Históricos”. Trata-se de um artigo traduzido por Rosa Herkenhoff e publicado no Kolonie-Zeitung, no dia 22 de abril de 1871. O Kolonie é um periódico teuto-brasileiro que circulou de 1862 a 1941. Os estudantes tiveram contato com a grafia e com o vernáculo do século XIX. O artigo utilizava expressões como “primitivos”, “sem cultura”, para se referir aos povos sambaquianos. Os escolares foram estimulados a fazerem perguntas, questionarem o documento, assumindo postura historiadora.

O referido projeto foi inscrito no Prêmio Educador Nota Dez, no ano de 2014,

selecionado pela Dra. Antonia Terra Calazan, vindo a ser um dos dez projetos vencedores da 17ª edição do prêmio, promovido pela Fundação Victor Civita. Nos anos seguintes, surgiram outros projetos. Os temas eram sobre migração paranaense e imigração haitiana, esse último na Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda, com estudantes do Ensino Médio.

Nesses projetos, contamos novamente com a parceria do Arquivo Histórico. Fizemos farto uso da hemeroteca, lendo e analisando reportagens dos principais jornais na/da cidade como: Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina e A Notícia.

Em virtude do intenso processo de industrialização de Joinville a partir das décadas de setenta e oitenta houve a necessidade crescente de mão de obra operária e assim muitas pessoas originárias do campo, vindas do Estado vizinho, atenderam ao chamado das empresas locais, porém, o valor dos aluguéis levou famílias a ocuparem as áreas de manguezais, provocando tremendo impacto em suas vidas e ao meio ambiente.

Na década de 90 com o “Projeto Mangue”, desenvolvido pela prefeitura, apesar de polêmico, trouxe infraestrutura e dignidade aos moradores, porém, não apagou o estigma de “invasores dos manguezais”. As pesquisas realizadas junto ao Arquivo Histórico, rememoram histórias, auxiliam no autoconhecimento, autovalorização, e pertencimento dos jovens descendentes dos migrantes paranaenses do bairro Espinheiros. Reconhecendo-se a contribuição cultural e laboral dos irmãos vindos do Paraná no processo de formação histórica do nosso município.

Uma Parceria profícua: escola e Arquivo Histórico

Angela Maria Vieira.

O projeto “Imigração, Inclusão e Cidadania”, que ainda está em vigor na escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda, surgiu da necessidade de promovermos a integração e socialização dos estudantes haitianos que passamos a receber a partir de 2017. A intensa imigração dos haitianos pelo mundo é resultado da diáspora provocada pelo terrível terremoto que assolou o país caribenho em 2010.

Há denúncias de racismo e xenofobia contra essa população, portanto, o projeto ajudou e ajuda a mitigar desinformações, valorizando a história de luta do povo haitiano. Saint-Domingue, antigo nome do Haiti, era uma próspera colônia francesa, foi a primeira nação negra independente do período colonial, conquista obtida através da vitoriosa Revolução Haitiana, ocorrida entre os anos de 1791 a 1804. Nas reportagens dos jornais percebemos muita proximidade cultural entre Brasil e o Haiti como o carnaval, a arte naif e a preferência nacional pelo futebol.

O referido projeto foi inscrito em 2019 no Prêmio Educador Inovador, promovido pelo site Educacional Porvir e pelo IBFE. Através de uma comissão julgadora, foi reconhecido como experiência inovadora e inclusiva ficando em primeiro lugar.

As escolas brasileiras em geral ainda conservam muito do modelo epistemológico prussiano, responsável pela formação dos estudantes no século XVII. Os jovens estão dispostos em salas, acomodados em carteiras enfileiradas, ouvindo e anotando as “instruções” dos professores. O trabalho com projetos e a parceria

com o Arquivo visa romper com esse paradigma, possibilitando aos estudantes produzirem conhecimento a partir de uma realidade concreta, buscando fontes históricas, dialogando e contextualizando, propondo soluções.

O desafio das escolas do século XXI é desenvolver habilidades e competências que estimulem nos escolares a empatia, a capacidade de trabalhar em grupo, o pensamento crítico, criativo, a transdisciplinariedade, proporcionando aos jovens a oportunidade de serem protagonistas dos seus estudos, colaborando para a construção de uma sociedade plural, que valorize a diversidade, que tenha justiça social, desprovida de qualquer forma de preconceito. A educação brasileira avançará quando definitivamente abandonarmos a “educação bancária”, usando uma expressão de Paulo Freire.

O contato dos estudantes com as fontes históricas que estão sob a salvaguarda do Arquivo Histórico de Joinville, tem sido muito enriquecedor, juntamente com outras parcerias como do Museu Nacional de Imigração e Colonização e Museu Arqueológico do Sambaqui. Toda contribuição é válida, e como diz o provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança ou jovem”.

Convite: Você é professor(a)? Quer fazer um relato de trabalhos educativos desenvolvidos com o acervo do AHJ? Envie um e-mail para arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a river flows from the left, with a person in a small boat. A wooden bridge crosses the river. To the right, a large, long wooden house with a thatched roof and a chimney stands on a slight rise. Several people are gathered in the dirt area in front of the house. The background is filled with dense green trees and distant mountains under a hazy sky. The overall color palette is dominated by greens, browns, and yellows, suggesting a tropical or subtropical environment.

Artefato Cultural



Quadro de Eugênio Colin

Walter de Queiroz Guerreiro

Historiador e mestre em arte pela Universidade de Londres.

Esta obra foi encomendada por Adolfo Bernardo Schneider (primeiro diretor do Arquivo Histórico de Joinville) ao artista Eugênio Colin (1916-2005), responsável a partir da década de 1940 pela continuidade das artes plásticas joinvilenses, iniciadas por Fritz Alt (1902- 1968).

Trata-se da primeira vista no núcleo inicial, o “Schrödersort”, com os ranchos de acolhida dos imigrantes às margens do rio Mathias, hoje travessa Mato Grosso, entre as Ruas Nove de Março e XV de Novembro.

A imagem original pode ter sido um desenho ou uma daguerreotipia captada por Julie Engell Günther (1819-1910). Sabe-se que Léonce Aubé (1816-1877), engenheiro, Vice-Cônsul de França e representante do Príncipe de Joinville trouxe uma câmera de daguerreótipos e que possa por ela ter sido utilizada. De qualquer modo é improvável que tenha sido desenhada, a imagem foi reproduzida através de xilogravura no “Leipziger Illustriert Zeitung” (3/5/1851), tratada pelo gravador Robert Kretschmer (1818-1872) nos meios tons e detalhamento na vegetação.

Assim é a releitura de uma releitura, partiu de uma “foto”, foi retrabalhada pelo gravador, e finalmente idealizada em cores como hoje se apresenta.



Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ



**A Cidade da ordem: tensões sociais e controle
(Joinville 1917/1943)**

Iara Andrade da Costa

Professora e historiadora especialista em História do Brasil.

RESUMO

Esta dissertação se constitui numa contribuição ao estudo da organização da luta dos trabalhadores joinvilenses e das formas de controle organizadas pelo empresariado joinvilense no período entre 1917 e 1943. A imprensa local constituiu-se na principal fonte para o resgate da fala oficial do empresariado, da igreja e do próprio sindicato dos trabalhadores. O que se pode verificar foi o esforço para o desenvolvimento de todo e qualquer movimento operário e a luta para se (re) produzir um tipo de homem a serviço da sociedade do trabalho. Esta análise revela o significado da dominação, mostra a trajetória concreta dos trabalhadores urbanos neste período e aponta os mecanismos de silenciamento da fala dos trabalhadores utilizados principalmente, pelos empresários que tratavam de discipliná-la como força de trabalho, não permitindo que se articulasse em movimentos coletivos desvinculados da sua experiência fabril. Ao longo da pesquisa observou-se que afloravam, constantemente, tensões sociais na relação empresário/trabalhador. Estas tensões sociais eram escamoteadas através de um discurso que apresentava uma relação harmônica e ordeira entre as classes. Construir um contraponto deste discurso somente foi possível através da leitura dos jornais, e, de modo especial, captar nas entrelinhas das notícias, aquilo que a fala oficial ocultava.

Palavras-chave: Trabalhadores. Joinville. Condições sociais.

Fonte: COSTA, Iara Andrade da. A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917/1943). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba,

UFPR, 1996. p. 255.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27077>

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a small wooden bridge crosses a stream. To the left, a person is in a small boat on the water. In the middle ground, several people are gathered in a dirt clearing near a wooden fence. Two large wooden houses with thatched roofs are prominent. The background is filled with dense green trees and distant mountains under a hazy sky. The overall color palette is dominated by greens, browns, and yellows, suggesting a tropical or subtropical environment.

Memória do Boletim



A Cidade de Joinville e o nome das ruas

Giane Maria de Souza

Especialista cultural, educadora e doutora em História pela UFSC.

Figura 1KZ n.18 - 29/02/1912 – Resolução do Superintendente Municipal, denominando as ruas de Joinville. Passam a chamar-se:

| | | |
|--------------------|-------------------------|--------------------|
| Rua do Porto | die Hafenstrasse | Rua Nove de Março |
| R. de Boussingault | die Boussingaultstrasse | Rua 7 de Setembro |
| Rua da Escola | die Schulstrasse | Rua Padre Carlos |
| R. das Palmeiras | die Palmenalee | Alameda Brustlein |
| Rua de Holzer | die Holzerstrasse | Rua Rio Branco |
| Rua de Paris | die Pariserstrasse | R. Jeronymo Coelho |

| | | |
|------------------|-------------------------|--------------------|
| Rua de Paris | die Pariserstrasse | R. Jeronymo Coelho |
| R. de Waldenburg | die Waldenburgerstrasse | R. Affonso Penna |
| Rua do Meio | die Mittelstrasse | R. 15 de Novembro |

| | | |
|----------------|----------------------|---------------|
| Rua Ulrichsen | die Ulrichsenstrasse | Rua Urussanga |
| Rua Aubé | die Aubéstrasse | Rua Itajahy |
| Rua da Cerveja | die Bierstrasse | Rua Jaguaruna |
| Rua do Storrer | die Storrerstrasse | Rua Imaruhy |
| Rua da Loja | die Logenstrasse | Rua Blumenau |

A Cidade de Joinville e o nome das ruas

Giane Maria de Souza.

| | | |
|--------------------|-------------------------|----------------|
| Rua da Loja | die Logenstrasse | Rua Blumenau |
| R. do Trinks I | die Trinksstrasse I | Rua Brusque |
| R. do Trinks II | die Trinksstrasse II | Rua Tijucas |
| R. do Nicodemus I | die Nicodemusstrasse I | Rua Laguna |
| R. do Nicodemus II | die Nicodemusstrasse II | Rua Curitibaos |
| Rua do Krisch | die Krischstrasse | Rua Lages |
| Rua da Martha | die Marthasstrasse | Rua Camboriu |

| | | |
|--|--------------------------------|---------------------|
| Rua do Colin | die Colinstrasse | Rua Tubarão |
| R. do Plotow | die Plotowstrasse | R. Campos Novos |
| R. de Humboldt | die Humboldtstrasse | Rua 3 de Maio |
| R. de Haltenhoff | die Haltenhoffstrasse | R. São Joaquim |
| Rua do Arago | die Aragostrasse | Rua das Missões |
| Jardim Público | Der Öffentliche Garten | Jardim Lauro Müller |
| Terreno em frente ao prédio do Mercado | Der Platz vor dem Marktgebäude | Pça. do Mercado |

Fonte: BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO. Joinville: AHJ. v.1, n.4, abr.1984.

A Cidade de Joinville e o Nome das Ruas

Giane Maria de Souza.

Para refletir: Você já refletiu sobre os nomes das ruas da cidade, do seu bairro ao centro? E os nomes das escolas, das instituições públicas, você conhece a trajetória dessas personagens homenageadas? Como podemos problematizar a história por meio dos nomes das coisas, dos logradouros e das instituições? Professor(a), desenvolva esse trabalho em sala de aula e nos envie os resultados ou faça um relato de experiência enviando um e-mail para arquivohistorico@joinville.sc.gov.br.

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a river flows through a lush, green landscape. A small wooden bridge crosses the river. On the left bank, a person is in a small boat. In the middle ground, several log cabins with thatched roofs are situated on a slight rise. A dirt path leads to one of the larger buildings. A few people are visible near the path. The background is filled with dense tropical forest and distant mountains under a hazy sky. The overall color palette is dominated by greens and earthy tones.

O Arquivo e a Cidade



Dona Lacy veste a camisa do AHJ

Giane Maria de Souza

Especialista cultural, educadora e doutora em História pela UFSC.

Uma garotinha de 88 anos vestiu literalmente a camiseta do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). A aposentada Lacy Borges Koehntopp é casada há mais de 60 anos com Nelson Koehntopp. Nasceu no dia 1º de dezembro de 1932, mas foi registrada somente em 1º de fevereiro de 1933, em São Francisco do Sul. Filha de dona Auta, proprietária do Pequeno Hotel, situado entre a Rua Sete de Setembro e a Rua Rio Branco, Lacy cresceu nos arredores do casarão construído por Frederico Bruestlein, lugar histórico, atual Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC). Antes de tornar-se museu, Lacy chegou a prestigiar uma festa de aniversário da amiga Marli Pesch naquela residência. Dona Lacy lembra com saudades da Joinville da sua infância e da sua juventude. Em suas memórias afetivas sobre a cidade, relembra algumas delícias, de quando recebia os pães d'água quentinhos da Brunkow para saborear o café da manhã, e rememora outras como o “especial” da Polar Sorvete, acompanhado com salada de frutas e o café com leite com uma torta de morango, suspiro e nata da Confeitaria Dietrich, um doce lugar entre as Ruas do Príncipe com a Princesa Isabel.

Dona Lacy conheceu o grande amor da sua vida, seu Nelson, quando caminhava pelo centro de Joinville e viu o moço trabalhando, em cima de um caminhão, descendo um carregamento de pedra: “Esse moço é muito trabalhador”, pensou. O casal finalmente começou a namorar em um carnaval da Liga de Sociedades, e dona Lacy lembra com graça que, em pleno verão, estava o seu Nelson vestido com uma blusa de lã. Uma malha leve, mas uma blusa de lã. Um casal de namorados que divide muitas histórias da cidade de Joinville. Dona Lacy e seu Nelinho gostam de contar histórias, de conversar e lembram com saudosismo dos

bailes das sociedades tradicionais da cidade de Joinville, como o Clube de Joinville e a Liga de Sociedades, onde dançavam boleros ao som de grupos musicais, “Marabá” e “Peru e seus peruzinhos”. Seu Nelson é filho do seu Afonso Köhntopp e neto de Frederico Köhntopp. O AHJ possui muitos projetos arquitetônicos de autoria desses dois importantes construtores de Joinville. Muitas edificações foram projetadas e construídas pela Affonso e A. Kohntopp & CIA.

Convite: Visite a Exposição Arquitetura Revisitada (<https://bit.ly/3nT3vcl>) e conheça a história de Joinville por intermédio do acervo cartográfico do AHJ.

Obs: O sobrenome Köntopp com o acento trema foi abolido na campanha de nacionalização, período do Estado Novo (1937-1945), sob o comando de Gertúlio Dornelles Vargas (1882-1954), por isso, sua nova grafia – Koehntopp era uma forma de abrigar o sobrenome alemão.

Para refletir: Você conhece histórias do cotidiano da cidade de Joinville sobre outros períodos da nossa história? Uma boa história pode ser publicada no próximo Boletim do AHJ nesta seção, envie seu texto para o e-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br – textos com até 3000 caracteres com espaços poderão ser publicados, acompanhados de duas fotos com boa resolução para ilustração.

A historical painting depicting a rural settlement. In the foreground, a small wooden bridge crosses a stream. To the left, a person is in a small boat on the water. In the center, a dirt path leads to a large log cabin with a thatched roof. Several people are gathered near the cabin. To the right, another log cabin is visible. The background is filled with dense green trees and distant mountains under a hazy sky. The overall scene is peaceful and idyllic.

Por Dentro do Acervo



Prédio da Ford, antiga Prefeitura de Joinville

Descrição: Prédio que abrigou a 6ª sede da Prefeitura Municipal de Joinville. A construção tem 3.119,6 metros quadrados, com 503 m² no piso térreo e 2.616,60 m² no piso superior. O prédio foi projetado para sediar a oficina e concessionária Ford nos anos de 1950, ficando no local até 1971, quando foi instalada a Estação Rodoviária de Joinville. A Prefeitura mudou-se para o prédio em 1974 e ficou nele até 1996, quando foi para a sede própria na Rua Hermann August Lepper.

Expediente



Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville.

Vol. I, no 17, Edição trimestral, jul.,ago.,set.,. 2021. ISSN 141334744

Prefeitura Municipal de Joinville

Adriano Bornschein Silva

Prefeito

Rejane Gambin

Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth

Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen

Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga

Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha

Coordenador

Corpo Funcional

Amauri de Oliveira Prado

André Felipe Meyer

Arselle de Andrade da Fontoura

Catarina de Souza

Cátia Regina Hodecker

Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske

Elisangela da Silva

Fernanda Pirog Oçoski

Gabriel Pavesi Goudard

Gerson Luiz Santana

Giane Maria de Souza

Janice Garcia

Leandro Brier Correia

Nelson Berndt

Nívea Giovanella Reinert

Rodrigo Boçoen

Valdir Bonavigo

Expediente

Organização e coordenação do Boletim do AHJ

Giane Maria de Souza

Revisão

Giane Maria de Souza (AHJ)

Nelson Berndt (AHJ)

Celiane Neitsch (Arte na Cuca)

Design Gráfico e Editoração

Walmer Bittencourt Júnior

Celiane Neitsch

Apoio Cultural

Arte na Cuca - Informação, Educação, Cultura e Arte

www.artenacuca.com.br

contato@artenacuca.com.br

artenacuca.com.br

Arquivo Histórico de Joinville, Santa Catarina (Secretaria de Cultura e Turismo). Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguapu - CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329

E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br, endereço eletrônico para críticas, sugestões e envio de propostas.



Prefeitura de
Joinville

**CULTURA E
TURISMO**

